

DESESTABILIZANDO O RACISMO NO FUTEBOL DE RUA COM BASE NO CURRÍCULO CULTURAL

Marinete da Frota Figueredo¹
Marcos Garcia Neira²

RESUMO

O texto relata uma experiência de tematização do futebol de rua realizada junto a uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Guanambi (BA). Tem como objetivo compartilhar encaminhamentos pedagógicos em face do racismo emergido na prática da referida manifestação corporal. Com base no currículo cultural da Educação Física, que se propõe a qualificar a leitura da ocorrência social das práticas corporais, as ações produzidas visaram à problematização dos enfrentamentos de pessoas negras e à desestabilização de condutas racistas imbricadas na vivência do futebol de rua. Embora resistentes inicialmente, a maioria do(a)s aluno(a)s demonstrou satisfação quanto à desnaturalização de discursos que o(a)s afetam. Conclui-se que validando lutas de grupos historicamente inferiorizados, como é o caso dos povos negros, o currículo cultural potencializa outras formas de pensar e de agir, viabilizando atitudes éticas.

Palavras-chave: Currículo cultural, Educação Física, Futebol de rua, Racismo.

INTRODUÇÃO

O avanço da urbanização tem empurrado o futebol de rua para dentro da escola. Por mais paradoxal que seja, o caráter ousado e livre dessa manifestação parece ter sucumbido à formalidade das aulas de Educação Física. Apesar disso, os marcadores sociais da diferença que atravessam a prática nem sempre recebem a atenção merecida, graças à tradição psicobiológica do componente baseada em concepções curriculares que intercedem por interesses hegemônicos. Conforme Neira (2018), as representações que tais vertentes de ensino colocam em circulação afirmam a feminilidade desejada, a masculinidade adequada, a classe social digna e a etnia aceita, recusando outras possibilidades, o que termina por reproduzir relações binárias e por negligenciar problemas, a exemplo do racismo, como aponta o estudo de Silveira e Alviano Júnior (2021).

De acordo com Neira (2018), o questionamento dos privilégios brancos ainda é tímido no campo da Educação Física, condição que permite uma hierarquia de conhecimentos e identidades. Há muito, Munanga (2004, 2005) denunciou que escolas e profissionais de educação invisibilizam o patrimônio cultural dos povos negros. Traços do racismo com suas ambiguidades e do mito da democracia racial que retardam o necessário debate nacional quanto

¹ Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo FE/USP; Professora da Rede Municipal de Ensino de Guanambi/BA; E-mail: marinetefrota@hotmail.com

² Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE/USP; E-mail: mneira@usp.br

à implantação de projetos pedagógicos influenciados pelo multiculturalismo crítico no sistema educacional do país. Munanga (2013) explica que a história desses povos é contada de forma falsificada, sob uma ótica estereotipada, cuja desconstrução requer a recuperação de sua memória na e pela escola. Reforçando essa ideia, o autor ressalta que a educação pode levar os sujeitos a questionarem as assimetrias de poder que vitimaram e vitimam a população negra, assim como fomentar novas relações na sociedade.

A defesa da democracia e de uma sociedade menos desigual implica no fortalecimento dos setores desprivilegiados. Com essa perspectiva, o currículo cultural da Educação Física se compromete com a afirmação das diferenças ao propor a problematização das representações e a desconstrução dos discursos sobre a ocorrência social das práticas corporais e das pessoas que delas participam, questionando os interesses que as mobilizam, identificando como são produzidas, compreendendo como atuam as relações de poder que as perpassam, além de analisar os grupos que se beneficiam e se prejudicam (NEIRA, 2020).

Apostando nisso, e entendendo que por meio da escrita podemos somar esforços para possíveis deslocamentos curriculares, este texto relata uma experiência de tematização do futebol de rua, ocasião em que o racismo que impregna essa prática corporal foi transformado em objeto de análise e discussão. Vale frisar que as ações descritas e as consequentes reflexões não intencionam modelizar a proposta, haja vista o teor artístico que caracteriza a pedagogia culturalmente orientada (NEIRA, 2021).

METODOLOGIA

Este texto trata-se de um relato de experiência, cujas reflexões se desdobram de um processo de tematização do futebol de rua realizado no primeiro semestre do ano letivo de 2022, em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Guanambi, município situado na região sudoeste da Bahia, a 796 km da capital.

A experiência é aqui entendida como o que nos passa, nos acontece, nos toca e nos afeta de algum modo. É algo singular, que foge de conotações experimentais (LARROSA BONDÍA, 2002). Essa ideia se coaduna com a noção de artistagem que influencia o currículo cultural da Educação Física. A experiência relatada não se constitui como um caminho pré-determinado, previsto, fechado, mas um processo de construção aberta. Nesse sentido, as situações didáticas que compuseram a tematização do futebol de rua foram tecidas na medida em que o trabalho se desenvolvia, cada atividade foi pensada após a análise das respostas da turma à atividade precedente. Importante lembrar que tematizar no currículo cultural opera na dupla chave da

problematização e da desconstrução. Problematiza as representações e desconstrói os discursos sobre a manifestação em tela e as pessoas que dela participam. O intuito é fazer circular diversos significados de maneira a qualificar a compreensão e a reelaboração da brincadeira, dança, luta, ginástica ou esporte quando transformados em temas do currículo. (NEIRA; NUNES, 2020; NEIRA, 2020).

O currículo cultural da Educação Física tem como fio condutor das situações didáticas a problematização, colocando em xeque pensamentos, gestos e posicionamentos aparentemente naturais e inevitáveis das relações sociais (NEIRA; NUNES, 2020). Isso acontece quando o(a) professor(a) é agenciado(a) por um ou mais dos seguintes princípios éticos-políticos: articulação com o projeto político pedagógico, reconhecimento do patrimônio corporal do(a)s aluno(a)s, justiça curricular, descolonização do currículo, ancoragem social dos conhecimentos, rejeição do daltonismo cultural e favorecimento da enunciação dos saberes discentes (NEIRA, 2011; NEIRA; NUNES, 2020).

Com base nesses princípios, o currículo cultural propõe uma pedagogia problematizadora, a qual privilegia procedimentos democráticos desde o processo de planejamento, estabelecendo caminhos didáticos específicos que são descritos como: mapeamento, ressignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação (FRANÇOSO; NEIRA, 2014).

Mapear, de acordo com Neira (2018) significa identificar as manifestações corporais disponíveis ao(à)s aluno(a)s, e que se encontram no entorno da escola ou no universo mais amplo. Além disso, refere-se ao levantamento de conhecimentos que o(a)s estudantes possuem sobre determinada prática corporal. Por meio do mapeamento e agenciada por princípios éticos-políticos do currículo cultural, o futebol de rua foi selecionado para a tematização. Somada a isso, como uma ferramenta que atravessa todo o processo e considerando as significações produzidas pelo(a)s aluno(a)s a respeito, o mapeamento permitiu que um caminho fosse construído no ato de ler essa prática corporal.

Ressignificar é atribuir novos sentidos e significados a uma determinada prática corporal (NEIRA, 2018) mediante a investigação e o confronto de significados produzidos socialmente a respeito dela. Com base nesse encaminhamento pedagógico foram problematizadas as relações de poder que atravessam o futebol de rua, visando, nesse caso específico, colocar em xeque a naturalização do racismo em prol da sua desestabilização.

Para que o(a)s estudantes conheçam melhor a prática corporal tematizada, o currículo cultural propõe o aprofundamento e a ampliação. Na prática, esses encaminhamentos se misturam e, assim como os demais, não se tratam de etapas. Decorrem do acontecimento dos encontros entre

os sujeitos e as culturas e das problematizações que surgem no acaso das aulas. O aprofundamento permite a compreensão de como o poder funciona e como ele configura determinadas representações quanto às práticas corporais (SANTOS, 2016). A ampliação implica em recorrer a discursos e fontes de informação com olhares diferentes e contraditórios às representações e discursos acessados pelo(a)s aluno(a)s nos primeiros momentos (NEIRA, 2011). Esses encaminhamentos foram desenvolvidos por meio de debates com a turma em relação ao tema e questões que lhe são pertinentes, utilizando como recursos vídeos, notícias, fotos, reportagens e entrevistas.

O registro e a avaliação constituem situações didáticas que permitirão, mediante a reflexão e acompanhamento contínuo das ações desenvolvidas, o redirecionamento da ação educativa (NEIRA, 2015). Esses encaminhamentos não são realizados em momentos específicos, ao contrário, acompanhando toda tematização. No trabalho ora apresentado foram realizados por meio de fotos, diário de bordo, observações, conversas e atividades.

Com essa configuração, o currículo cultural aborda as formas contemporâneas de luta social entranhadas nas manifestações culturais corporais e se apresenta como alternativa às possibilidades didáticas modernas, logo, não há prescrições, nem sistematização de critérios técnicos, mas uma pedagogia aberta para uma construção contínua e para um constante borramento de fronteiras/muros que caracterizam as pedagogias e currículos engessados, regulados e controlados (NEIRA; NUNES, 2009; NEIRA, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o plano de curso da rede de ensino de Guanambi, os esportes de invasão seriam a primeira temática a ser trabalhada nas turmas de 8º ano. Numa das turmas, as cobranças pelo futebol eram constantes. “Que dia você vai levar a gente na quadra?”. “Que dia a gente vai jogar bola?” Ir para a quadra e jogar bola são sinônimos de futebol. Questionando as razões de tamanha insistência, ouvi: “Futebol é vida!”. Assim diziam o(a)s aluno(a)s com muito brilho nos olhos. A vida, de fato parecia vibrar de forma muito potente no/pelo entusiasmo dele(a)s.

Enquanto docente passei a observar e indagar a turma, pois não podia realizar o estudo de uma prática corporal tendo como ponto de partida os desejos do(a)s estudantes, sobretudo, quando se trata do futebol, que é uma paixão popular. Neira (2019) faz um alerta em relação à seleção do tema no currículo cultural da Educação Física. Perguntar à turma o que querem estudar ou realizar eleições para a definição da manifestação corporal está fora de questão.

Então, por meio de uma conversa, busquei entender melhor acerca do futebol que a turma tanto falava, já que o projeto social desenvolvido na escola é voltado para o treinamento

tinha sido suspenso desde o início da pandemia. “De que futebol vocês falam?” “Onde praticam?” “Com que frequência praticam?” “Com quem praticam?”. As respostas eram referentes ao futebol de rua. A turma, muito empolgada, falava dos improvisos, do modo como os grupos se reuniam, da criação de regras, de acontecimentos durante as vivências, etc..

Observei que o distanciamento social necessário para enfrentamento da pandemia deu lugar para o crescimento dessa manifestação do futebol. Antes disso, o futebol relatado e solicitado estava relacionado com aquele praticado no projeto do qual participavam em turnos opostos aos das aulas.

Pelas falas era possível perceber o quanto o futebol de rua significava e o quanto era produção dele(a)s, pois além de não citarem o futebol profissional, as regras das vivências dependiam das necessidades do contexto e a prática envolvia meninos e meninas, o que a tornava singular.

Entendi que seria importante tematizar aquela prática corporal, considerando o Projeto Político Pedagógico e o plano de curso da rede, que mesmo sendo respaldados por teorias distintas daquelas que inspiram o currículo cultural, propõem a construção de uma educação democrática. Somada a isso, essa seleção teve como sustentáculo o reconhecimento e a valorização das manifestações culturais produzidas pelo(a)s aluno(a)s, bem como os princípios de justiça curricular e de descolonização do currículo, os quais me levaram a rasurar as condições que desqualificam os saberes pertencentes a grupos não hegemônicos. Embora o futebol não seja considerado uma prática corporal subalternizada, sua ocorrência no contexto da rua é tracionalmente negada pelos currículos de Educação Física.

A respeito desses princípios, Neira (2010) faz outro alerta. Não se trata de preencher o currículo com práticas corporais pertencentes aos grupos marginalizados, tampouco tratá-las ocasionalmente como é comum acontecer em algumas escolas, a exemplo da capoeira e do jongo na Semana da Consciência Negra. Uma Educação Física culturalmente orientada destaca não só os saberes dos grupos marginalizados, mas também suas histórias de luta. Isso significa que, durante as aulas, o(a) professor(a) proporciona um ambiente para que as narrativas tenham a própria cultura e a ocorrência social das práticas corporais como ponto de partida, a fim de analisar as relações de poder que as atravessam e de partilhar formas de enfrentamento.

Solicitei ao(à)s aluno(a)s vídeos e fotos do futebol de rua produzidos por ele(a)s. Na aula seguinte realizamos um leitura desse material. Mais uma vez, pipocaram relatos relacionados aos registros. Empolgado(a)s, sugeriram a produção de uma maquete, porém devido a demandas de eventos da escola e de outras disciplinas, para não sobrecarregar a turma, postergamos a proposta. Realizamos, então, uma vivência, inicialmente no pátio da escola, um

espaço que se assemelha à rua, porém, como a atividade acontecia bem próxima às salas de aula e, evidentemente, incomodava as demais turmas, foi preciso fazer algumas adaptações na quadra, já que se tratava do futebol de rua.

Para compreender melhor as vivências da turma, bem como ajustar o trabalho ao projeto da escola³, escolhi a crônica “Futebol de rua” de Luis Fernando Veríssimo para uma leitura coletiva. A turma fez comentários comparativos, pois, salvo aspectos pontuais, a prática descrita se assemelhava às vivências da turma. No tocante às penalidades, por exemplo, o(a)s aluno(a)s enfatizaram que eram previstas para pouquíssimas situações, apenas se houvesse agressividade, o que era raro acontecer, pois os jogos tinham como objetivo a diversão. “É um jogo tranquilo, tem apenas uns apelidos, mas é brincadeira, a gente não importa não”. Quando busquei entender que brincadeiras eram, ouvi: “umas brincadeiras racistas... ticão carvão, gotinha de petróleo”. O assunto incomodou uma parcela da turma e algum(ma)s aluno(a)s passaram a trocar acusações.

Enquanto isso, fui tentando ouvir a turma e conversar sobre esse acontecimento que, segundo o(a)s aluno(a)s era bem comum. A certa altura indaguei: “racismo é brincadeira?”; “Em forma de brincadeira, o racismo deixa de ser desrespeitoso?” O(A)s aluno(a)s mais nervoso(a)s no primeiro momento se defendiam afirmando que não havia o intuito de desprezar e/ou discriminar ninguém.

Na aula seguinte, a fim de aprofundar a discussão e desconstruir o discurso pronunciado do(a)s aluno(a)s quanto à ocorrência do racismo nos jogos, realizamos a leitura seguida de um debate da entrevista intitulada “O racismo em forma de brincadeira: a toxidade do racismo recreativo”, produzida com uma estudante de jornalismo do Rio de Janeiro.

A turma seguia tentando justificar suas práticas, enfatizando que não fazia sentido questionar o racismo, pois esse problema nunca terá fim. Na oportunidade, o(a)s aluno(a)s citaram acontecimentos vivenciados no ambiente escolar, os quais não eram corrigidos, pois envolviam profissionais com certo poder, destacaram a postura da polícia em abordagens realizadas nos bairros onde residem. Colocando-me sobre o assunto, ressaltai, inicialmente, que o racismo não deixava de ser um problema quando praticado por profissionais, e que a discussão não se tratava de uma condenação a determinadas pessoas, mas de uma reflexão a respeito de modos de pensar e de condutas (racistas) que atravessam o futebol de rua produzido pela turma.

³ Considerando o impacto de dois anos de ensino remoto, bem como a exclusão de muito(a)s estudantes no contexto de pandemia, a escola implementou um projeto de leitura, a fim de mapear e diminuir as dificuldades do(a)s aluno(a)s.

A tensão inicial diminuiu aos poucos, potencializando a problematização. Conversamos sobre o racismo estrutural e o racismo institucional, tendo como base os próprios relatos da turma, além de fatos ocorridos no país às vésperas dessa conversa. Nesse momento, a turma já demonstrava refletir sobre a condição das pessoas negras no Brasil, todavia, foi possível perceber que muito(a)s aluno(a)s não se reconheciam como negro(a)s⁴, pois, ao falar dessa parcela da população, utilizavam a terceira pessoa e, em alguns casos, referiram a pessoas de cor preta intensa.

Retomando o foco ao futebol de rua, observei atentamente as vivências em quadra e não percebi nenhuma prática de cunho racista. Todavia, é possível que o(a)s aluno(a)s já estivessem se policiando, tendo em vista as discussões realizadas, conduta não apresentada quanto à participação das meninas, pois houve situações durante o jogo em que elas foram secundarizadas. Essa condição foi questionada durante as vivências, mas como o foco da problematização daquele momento era o racismo, optei por deixar o debate sobre as questões de gênero para outra ocasião.

Embora não tivesse presenciado manifestações de racismo, considerei pertinente abordar os enfrentamentos dos negros⁵ nessa prática corporal, com a intenção de chamar a atenção da turma quanto à importância de desestabilizar o racismo, dado que, mesmo se tratando de um problema contemporâneo, é possível ver passos significativos a favor da dignidade do povo negro no Brasil e no mundo.

De acordo com Neira e Nunes (2009), a problematização da história de algumas modalidades esportivas no currículo da Educação Física possibilita perceber que as trajetórias dessas práticas são marcadas por opressão e/ou imposição de valores de certos grupos a outros. Assim, agenciada pelo princípio ético-político da ancoragem social dos conhecimentos, abordei ao longo da tematização o processo de formação e o contexto histórico e político do futebol para que o(a)s estudantes pudessem acessar informações que viabilizassem a análise e a compreensão das relações de poder que atravessam o esporte.

Por meio da utilização de imagens apresentei⁶ uma linha do tempo referente à história dos negros no futebol brasileiro, destacando o embranquecimento e os interesses políticos e econômicos associados à inserção dessa parcela da população na prática esportiva. Na ocasião, a turma já estava bastante envolvida com a discussão, relatando situações de racismo no futebol

⁴ Grande parte do(a)s estudantes da escola é negra.

⁵ Nesse contexto o futebol era proibido para as mulheres.

⁶ Em condições adequadas seria pertinente solicitar aos (às) alunos (as) uma busca na internet, no entanto, muitos (as) estudantes não possuem acesso em casa, a escola não possui sala de informática e a internet ofertada pelo programa Escola Conectada não funciona.

e destaques de alguns jogadores como o Pelé e Ronaldinho. O tempo da aula não permitiu alcançar conclusões, mas foi suficiente para coletar impressões. Ao me despedir da turma, uma aluna comentou: “o debate estava bom”.

Prosseguindo com os trabalhos, na outra semana as reflexões tiveram como suporte vídeos de acontecimentos racistas e reportagens referentes ao futebol contemporâneo. A turma retomou casos mencionados nas mídias, ao mesmo tempo que analisavam as reações da sociedade e de atletas, o que direcionou a conversa a respeito de posturas adequadas ao combate do racismo. O(A)s aluno(a)s chegaram a defender a denúncia e a necessidade de respeito. Além disso, enfatizaram a importância da não aceitação de um tratamento que o(a)s inferioriza, porém, a lógica da revanche se fazia presente: “se me chamar de negrinha, eu chamo de galego azedo”.

Para o período de provas na escola, elaborei questões relacionadas às problematizações que vinham acontecendo nas aulas, nas quais o(a)s aluno(a)s pudessem expor suas experiências e se posicionar. Ao fazerem isso, reforçaram a necessidade de tensionar o racismo no âmbito do futebol em suas diversas manifestações.

Vale lembrar que, o currículo cultural compreende a avaliação de uma maneira bem peculiar. Aquelas preocupações com a verificação com base nas aprendizagens alcançadas são substituídas pela análise do que acontece durante a tematização. Isso se dá mediante a reflexão a respeito das ações didáticas e da documentação pedagógica (ESCODERO; NEIRA, 2011; MÜLLER; NEIRA, 2018). Nesse sentido, o instrumento prova aderido pela disciplina nesse contexto, embora possa aparentar uma prática isolada, trata-se de um meio de registro que associado a outros possibilita a mensuração dos objetivos alcançados como determina o sistema de ensino.

Encaminhando a tematização para os momentos finais, em conversa com a turma, retomei a proposta da maquete. A maioria do(a)s estudantes a acolheu animadamente. Desse modo, no dia da apresentação, ao abordarem o processo de construção e relatarem o contexto que o trabalho representava, seria possível compreender o significado que atribuíam às próprias manifestações culturais. Nas maquetes, além das ruas e praças, o(a)s aluno(a)s também se fizeram retratar.

A turma demonstrou satisfação em ter a cultura corporal da comunidade privilegiada e as problemáticas que o(a)s afetam sendo tratadas na escola. Muitas vezes, o(a)s estudantes não esperam que assuntos como o racismo sejam discutidos durante as aulas, sobretudo, quando se trata de uma professora branca, o que gera, inicialmente, resistência. A aluna que tinha avaliado positivamente o debate acerca do racismo, relembrou situações que aconteceram nas vivências

na escola e na rua e, em seguida disse: “só faltou falar da mulher no futebol”, questão anotada para tratamento posterior.

Considerando as disparidades enfrentadas pelas pessoas negras, bem como a preocupação do currículo cultural da Educação Física em fortalecer grupos historicamente invisibilizados e inferiorizados, considero assertivo ter produzido ações que possam promover o confronto identitário e viabilizar condutas solidárias e éticas no âmbito das práticas corporais e nas diversas esferas da sociedade, pois como Munanga (2005, p. 17) bem ressalta “a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou refletir acerca do racismo durante a tematização do futebol de rua, a qual foi desenvolvida com base no currículo cultural da Educação Física que, na contramão da tradição da desse componente, procura lidar com a heterogeneidade cultural, apostando na desconstrução de mecanismos que fixam identidades nos sujeitos.

Por meio dessa proposta curricular, ao reconhecer a cultura do(a)s estudantes e a ocorrência social do futebol de rua, foi possível colocar em xeque discursos racistas que permeiam essa manifestação corporal, possibilitando outras formas de pensar e agir.

Apesar da resistência inicial, a maioria do(a)s aluno(a)s demonstrou satisfação quanto à abordagem de discursos que o(a)s afetam, até então, naturalizados. Contudo, é importante ressaltar que o movimento da tematização foi marcado por tensões, conflitos, os quais, no currículo cultural, não são camuflados, mas colocados em confronto, abrindo espaços para que o(a)s aluno(a)s possam externar sentimentos e memórias.

Esse currículo, ao desestabilizar representações produzidas de forma unilateral, comprometer-se com a produção corporal de todos os grupos culturais e validar lutas daqueles invisibilizados, como é o caso dos povos negros, potencializa outras formas de ver e dizer a respeito de si, das práticas corporais e de seus praticantes, viabilizando atitudes éticas, o que o torna uma alternativa aos currículos classificatórios e homogeneizadores.

REFERÊNCIAS

ESCUDERO, Nyna Taylor Gomes; NEIRA, Marcos Garcia. Avaliação da aprendizagem em Educação Física: uma escrita autopoiética. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 285-

304, maio/ago. p. 285-304, 2011. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/ae/arquivos/1638/1638.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

FRANÇOSO, Saulo; NEIRA, Marcos Garcia. Contribuições do legado freireano para o currículo da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 02, p. 531-546, abril/junho 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892014000200017>. Acesso em: 17 jun. 2022.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr, nº 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2022.

MÜLLER, Arthur; NEIRA, Marcos Garcia. Avaliação e registro no Currículo Cultural da Educação Física. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 29, n. 72, p. 774-800, set./dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18222/ae.v29i72.5030>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Ed.UFF: Niterói-RJ, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, K. (Org). **Superando a racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Educação e Diversidade Étnico-cultural: importância da história do negro e da África no sistema educativo brasileiro. In: **Relações Étnico-raciais e Diversidade**. MULLER, Tânia Mara Pedrosa; COELHO, Wilma de Nazaré Baía (orgs.). Editora Alternativa, Niterói, 2013.

NEIRA, Marcos Garcia. Análises das representações dos professores sobre o currículo cultural da Educação Física. **Interface**. Botucatu, v. 14, n. 35, p. 783-795. dez. 2010. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010005000026>. Acesso em: 17 jun. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o debate curricular da Educação Física. **Dialogia**, São Paulo, v. 02, n. 14, p. 195-206, 2011. Disponível em <https://doi.org/10.5585/dialogia.N14.3112>. Acesso em: 17 jun. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 06, n. 31, p. 276-304, mai/ago, 2015. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816312015276>. Acesso em: 17 jun. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.16, n.1, p. 4, 28 jan./mar.2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i1p4-28> Acesso em: 22 maio 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica** 2. ed. - Jundiaí [SP]: Paco, 2019. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_41.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. A abordagem das diferenças no currículo cultural da Educação Física. **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.10 – 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2892> Acesso em: 14 maio 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. A didática-artística da educação física cultural. In: MARCASSA, L. P.; ALMEIDA JÚNIOR, A.; NASCIMENTO, C. P. (Orgs.) **Ensino de educação física e formação humana**. Curitiba: Appris, 2021. p. 165-188. Disponível em http://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/marcos_56.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. As dimensões política, epistemológica e pedagógica do currículo cultural da Educação Física. In: BOSSLE, F.; ATHAYDE, P.; LARA, L. **Educação Física escolar**. Natal: EDUFRN, 2020. p. 25-43. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/neira_nunes_01.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

SANTOS, Ivan Luis. **A tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física**. 2016. 301 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2016. Disponível em http://www.gpef.fe.usp.br/teses/ivan_01.pdf. Acesso em 17 jun. 2022.

SILVEIRA, Keylla Amélia Dares; ALVIANO JR, Wilson. A educação das relações étnico-raciais no contexto da educação física: reflexões sobre a disciplinarização, o silenciamento e suas possibilidades. **Dialogia**, São Paulo, n. 39, p. 1-15, e20452, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/20452> Acesso em: 14 maio 2022.